

**ESTHER ALLEN E SUSAN BERNOFKSY, *IN TRANSLATION:*
TRANSLATORS ON THEIR WORK AND WHAT IT MEANS,
COLUMBIA UNIVERSITY PRESS, 2013, 254 PÁGS.**

Laura Tallone
CICE - ISCAP
Portugal
lauratal@iscap.ipp.pt

Parece um contra-senso que um livro dedicado à tradução comece por evocar o episódio d'*A Divina Comédia* em que Dante e Virgílio encontram Nimrod, responsável pela construção da Torre de Babel e condenado às derradeiras ininteligibilidade e intraduzibilidade, repetindo a incompreensível língua babélica. Porém, o encontro pode servir para demonstrar que o multilinguismo resultante do castigo divino constitui, afinal, um "mal menor" e que a tradução — necessária, imperfeita, transitória, em fim, humana — é sempre preferível à eterna solidão de Nimrod. Se na tradução algo se perde, sem ela perde-se tudo, porque às palavras de Nimrod só o silêncio responde.

Os dezoito artigos reunidos neste volume por Esther Allen e Susan Bernofksy, contudo, não falam só de perda. Muito pelo contrário, todas as contribuições enfatizam os ganhos que a tradução representa através não só do diálogo intercultural e da construção de um património cultural partilhado, mas das novas dimensões que os próprios textos adquirem em diversos contextos. Assim, o livro está dividido em duas secções: a primeira ("The Translator in the World") contém sete artigos dedicados às consequências da tradução para a língua e a cultura de chegada; os onze artigos da segunda secção ("The Translator at Work") reflectem acerca da responsabilidade do tradutor perante o texto fonte e no modo em que este pode ser afectado pelo texto traduzido.

De acordo com **Peter Cole**, a tradução literária contribui para transmitir qualquer coisa de essencial da nossa existência. Por isso, a tradução tem uma carga histórica que o tradutor, através de um profundo trabalho de pesquisa, deve relacionar com o contexto cultural, social e histórico em que a obra surge, revelando e criando significações. É este trabalho que Cole descreve como a ética da tradução no primeiro ensaio da colecção, "Making Sense in Translation: Toward an Ethics of the Art".

Eliot Weinberger afirma em "Anonymous Sources (On Translators and Translation)" que a tradução tem um poder liberador da língua de chegada, uma vez que o texto traduzido não está submetido às normas e aos constrangimentos que operam na literatura receptora. Assim, mais do que um "mal necessário", a tradução, feita apenas de sucessos e fracassos, é uma necessidade óbvia para a literatura permanecer viva: "[t]ranslation is change and motion; literature dies [...] when it has no place to go" (p. 30).

Em "Fictions of the Foreign: The Paradox of 'Foreign-Soundingness'", **David Bellos**, autor do popular *Is That a Fish in Your Ear?* (Faber & Faber, 2011), aborda diversas estratégias para conservar a alteridade do texto traduzido, em particular a introdução de palavras na língua original, o qual só será possível entre línguas que tenham "uma relação já estabelecida", ou a adaptação da ordem dos constituintes da frase para a sintaxe do texto traduzido se aproximar à do texto fonte. O risco destas estratégias não é só o de se cair na paródia, mas também, e daí o paradoxo referido no título, o de se exercer no texto uma violência equivalente, mas em sentido oposto, à da domesticação. Afinal de contas, como Borges disse algures, o Alcorão não tem camelos precisamente porque o escreveram os árabes...

A partir da sua tradução de um romance de Akasaka Mari, **Michael Emmerich** utiliza a materialidade da língua japonesa para pôr em causa as conceptualizações correntes da figura e da tarefa do tradutor. Assim, "Beyond, Between: Translations, Ghosts, Metaphors" contesta a metáfora do tradutor como ponte entre duas culturas para propor a imagem do fantasma, "who haunts languages, cultures and nations, existing in two worlds at once but belonging fully to neither" (p. 50), dado que a tradução não ocorre entre as línguas, mas é levada a cabo dentro delas.

Em "Translation as Scholarship", **Catherine Porter** contraria a noção estabelecida no mundo académico de que a tradução é diferente da pesquisa e que os tradutores não são investigadores. Porter demonstra até que ponto os tradutores devem conhecer a cultura que produziu o texto a traduzir, especialmente quando ele pertence a tempos mais recuados.

Alice Kaplan analisa as relações entre autores e tradutores em "Translation: The Biography of an Artform". Ela própria autora e tradutora, Kaplan descreve estas relações a partir dessa dupla experiência, com referências às consequências jurídicas concretas desses desentendimentos. Especialmente revelador da identificação entre autoria e propriedade é

o comentário final de Kaplan sobre o conflito com X, o tradutor francês do seu romance *French Lessons*: "translation is also, by definition, a crossing of boundaries — a stranger entering into a literary space and claiming it for himself. [...] X approached my text as a conqueror, and he violated my boundaries. And that experience, for this author, was something I can only describe as 'creepy'..." (p. 73)

A escolha de um texto e a sua tradução raramente dependem do seu valor literário intrínseco, mas de factores externos relacionados com o contexto social, político e cultural, bem como com as motivações de tradutores individuais, que em grande parte são induzidas pelas tendências dominantes da cultura de chegada. "The Will to Translate: Four Episodes in a Local History of Global Cultural Exchange", de **Esther Allen**, vem ilustrar isso mesmo a través de quatro breves estudos de caso, todos relacionados com a literatura latino-americana e com o lugar que esta tem vindo a ocupar no panorama literário dos EUA.

O poeta e tradutor **Forrest Gander** assina o primeiro artigo da segunda secção. "The Great Leap: César and the Caesura" recusa tornar o Outro numa versão do familiar e leva ainda mais longe a incorporação da língua do texto fonte, intercalando ou duplicando versos completos em espanhol dos poemas traduzidos, o que lhe permite criar uma prosódia mais expressiva.

Em "Misreading Orhan Pamuk", **Maureen Freely** enfatiza a responsabilidade do tradutor para a língua inglesa a partir de línguas menos difundidas, como o turco ou o japonês, uma vez que a versão inglesa é utilizada como base para a tradução do texto para outras línguas. O tradutor para inglês tem uma responsabilidade acrescida pela circulação global de determinados textos, uma vez que pode tornar-se intermediário (ou bode expiatório) do autor durante a exposição mediática a que este é submetido.

O artigo escrito por **José Manuel Prieto** e traduzido por Esther Allen, "On Translating a Poem by Osip Mandelstam", é uma concisa e magistral análise do processo de tradução para espanhol do "Epigrama de Stalin". Sem comentários impressionistas, Prieto contextualiza o poema e justifica cada escolha com argumentos claros e objectivos.

A propósito da sua versão inglesa de um texto escrito em hindi por Vijay Dan Detha, por sua vez baseado num conto da tradição oral rajastani, **Christi A. Merrill** discute a questão da autoria do texto no caso específico do folclore, em que a figura do autor e a do *storyteller* costumam fundir-se numa só entidade colectiva. Merrill propõe uma abordagem

lokocêntrica, que incorpora a ambiguidade e a temporalidade da criação colectiva e plural, e na qual a tradução é vista como mais uma instância no permanente processo de transmissão.

Para a versão inglesa de *The Girl with the Golden Parasol*, do indiano Uday Prakash, **Jason Grunebaum** idealiza dois tipos de leitor, um residente em Nova Deli e o outro em Chicago, ambos com diferentes níveis de exposição e diferentes expectativas relativamente à cultura e à língua hindi. Por diversos factores, entre eles o marketing do livro, Grunebaum escolhe uma variante de inglês menos marcada geograficamente, que funcione para os dois públicos. O artigo de Grunebaum, "Choosing an English for Hindi", tem assim particular relevância à luz da tendência contrária que se verifica em língua portuguesa, em que continuam a produzir-se traduções distintas para Portugal e Brasil, ou espanhola, em que a exigência editorial do "espanhol neutro" é cada vez mais contestada nos países da América Latina.

"As Translator, as Novelist: The Translator's Afterword", de **Haruki Murakami** e traduzido por Ted Goossen, descreve a tradução do *The Great Gatsby* quase como um projecto de vida deste escritor japonês. O artigo salienta a afinidade necessária, quase um estado de comunhão, entre o tradutor e o autor ("[...] choose an Author as you choose a Friend", dizia o Earl of Roscommon), bem como a transitoriedade dos textos traduzidos, a necessidade de re-tradução e a relação que se estabelece entre o original e as suas respectivas traduções: "[...] when a specific translation is imprinted too deeply on the minds of its readers for too long, it runs the risk of damaging the original" (p.171).

Relacionado com o anterior, o breve artigo de **Ted Goossen**, "Haruki Murakami and the Culture of Translation", aborda o estatuto da tradução e dos tradutores como Murakami no Japão, onde o nome e o prestígio do tradutor constitui um elemento fundamental no marketing do livro e na escolha dos leitores. Uma realidade desconhecida em boa parte dos países ocidentais, em que o tradutor continua a ser invisível.

A poesia de John Skelton, o rap e os coloquialismos do Inglês contemporâneo são os elementos que **Lawrence Venuti** combina para traduzir a poesia medieval de Jacopone da Todi. Em "Translating Jacopone da Todi: Archaic Poetries and Modern Audiences", Venuti aborda o dilema da tradução arcaizante ou da (re)atualização do texto, decantando-se pela primeira e indo ainda mais longe no experimentalismo proposto em *The Translator's Invisibility* (1995) para a tradução da obra de Tarchetti.

Em "'Ensemble discords!': Translating the Music of Scève's *Délie*", **Richard Sieburth** contraria magistralmente a noção geralmente instalada de que a tradução é desnecessária para quem domina a língua do texto fonte. A contextualização linguística, histórica e artística em que assenta a versão inglesa das *diçains* (ou décimas) de Maurice Scève demonstra que a tradução é capaz de oferecer uma leitura e uma interpretação relevantes também para o leitor que consegue ler o texto original.

Poucos tradutores falam do processo de revisão do texto traduzido. É por isso que "Translation and the Art of Revision" é um valioso testemunho que documenta os passos que permitem a **Susan Bernofksy** ouvir "a voz do texto" para escolher a palavra certa, a sintaxe apropriada, até chegar a uma versão que represente o texto fonte.

Clare Cavanagh fecha a colecção com "The Art of Losing: Polish Poetry and Translation", uma reflexão sobre o impulso criativo necessário tanto para escrever como para traduzir poesia. A autora apresenta dois poemas sobre a perda e as suas respectivas traduções, para afirmar que, em tradução, perda e ganho estão intimamente ligados.

Ilustrados com numerosos exemplos extraídos da prática concreta de tradutores activos, todos os ensaios que compõem o volume não só estimulam a reflexão teórica sobre os alcances e as implicações da tradução, mas resultam sumamente interessantes para os tradutores em formação. Em lugar de lamentar a perda, o que deixou de estar presente, deverá celebrar-se o facto de cada texto traduzido ser um manancial de possíveis significados, surgidos durante o infindável processo de recriação em que leitores e tradutores participam.